

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, E. Ferreira,
M. Laranjeira, M. Lourinho, E. Miranda e S. Reis

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XVII

MARÇO 1956

N.º 114

O cérebro humano pode comparar-se a uma estação eléctrica muito mais maravilhosa e complexa do que qualquer estação de rádio. Neste mecanismo o Criador pôs a carga eléctrica na altura da criação, quando fez o homem e a mulher. «Deus dotou o homem de tão grande força vital que tem podido resistir à acumulação de doenças trazidas sobre a raça em consequência de hábitos pervertidos e continuar durante seis mil anos. Este facto por si só é suficiente para nos provar a força e a energia eléctrica que Deus deu ao homem na sua criação.» — *Testimonies*, vol. 3, pág. 138. (O itálico é nosso).

Deus revelou muitas coisas à Sr.^a White acerca de correntes eléctricas no corpo humano muito antes de os homens começarem a estudar estes factos. Mas as invenções modernas multiplicam-se para apoiarem as revelações do Espírito de Profecia. Todos nós estamos mais ou menos familiarizados com o electrocardiograma que é empregado para registar os impulsos eléctricos relacionados com as pulsações do coração. Outro interessante aparelho eléctrico é o electromiograma, conhecido por EMG. Há algum tempo apareceu no *Saturday Evening Post* um artigo mostrando como este instrumento é usado para medir as correntes eléctricas no músculo. Isso obtém-se injectando uma agulha nos tecidos e captando as correntes eléctricas que são então ampliadas e tornadas audíveis por um amplificador de som.

O artigo do *Post* relata uma das primeiras experiências em que um nervo foi cortado deliberadamente. Fizeram-se então testes

A VIDA HUMANA E O MILAGRE DA ELECTRICIDADE

EMG para determinar quando se operava a regeneração do nervo.

«Pattle, o físico que tinha estado trabalhando no equipamento do EMG, foi o primeiro a oferecer-se como voluntário. 'Ide avante e experimentai-me', disse ele. 'Estão lançados os dados'.

«Plenamente convencido de que algo podia correr mal — de que o nervo podia não voltar a funcionar no seu caso — o estudante foi submetido à operação. Enquanto estava sob anestesia local, foi-lhe feito um golpe no antebraço esquerdo, ficando delicadamente expostos dois importantes nervos, que foram cortados por um cuidadoso processo de compressão. Imediatamente paralisaram os músculos afectados que conduziam ao seu pulso e mão esquerdos.

«A princípio, os músculos de Pattle não estavam apenas paralisados, mas também electricamente mortos. Em vez de captar os sons normais ('pop-pop-pop') do tecido são, o EMG não captava quaisquer sinais. Este silêncio eléctrico durou mais de duas semanas. Então, no décimo oitavo dia, a máquina descobriu os primeiros sinais de actividade eléctrica, e do amplificador de som vinha o ruído constante de um papel que se rasgasse.

«Este ruído continuou semana após semana. Hoje os médicos

por C. B. HARDIN

compreendem que, ele significava que o músculo não era servido pelos nervos, mas que as fibras musculares estavam ainda vivas.

«No quinquagésimo quinto dia, Pattle veio submeter-se ao seu habitual teste EMG. Do amplificador de som saíram os já conhecidos ruídos de papel que se rasga — tecnicamente chamados sons fibrilatórios — mas com elles havia um novo ruído, um 'tchâg-tchâg-tchâg' semelhante ao som de um cansado motor de automóvel.

«Esse novo som, tornou-se mais tarde evidente que era o sinal de que as primeiras delicadas extremidades de fibras nervosas regeneradoras tinham atingido o músculo.

«Passaram-se, porém, outros nove dias antes de aparecerem os primeiros sinais clínicos de cura', relataram os cientistas, 'e doze dias antes de a contracção ser considerada suficiente para mover o pulso'.

«Com mais dois meses a paralisia estava praticamente vencida.»

O electro-encefalograma é outro aparelho empregado para mostrar um gráfico dos potenciais eléctricos

cos originados no cérebro. A revista de Wyeth, *Pulse of Pharmacology*, vol. 8, n.º 1, regista as seguintes observações acerca do cérebro humano em estado de repouso:

«Algo do nosso conhecimento acerca do que sucede ao sistema nervoso central durante o sono vem do estudo dos reflexos nervosos — da observação das contracções musculares que ocorrem involuntariamente em resposta a um estímulo externo. Todos estes métodos experimentais são toscos em comparação com o electro-encefalograma, registo de potenciais eléctricos originados no cérebro. Sem infligir dor ou mal estar, colocando-se apenas eléctrodos em locais escolhidos do couro cabeludo, é possível captar, e electricamente ampliar e transformar num registo visível, as minúsculas correntes eléctricas geradas no cérebro. Esses traços podem dizer ao entendido muito acerca do cérebro, e como ele é afectado pelo sono, pelas drogas e por condições patológicas.»

As correntes do cérebro podem ser aumentadas e a mente fortalecida pelo exercício conveniente do espírito, e isso por sua vez tende a melhorar a saúde, como se vê nesta citação do Espírito de Profecia:

«Cumpre que se dê ênfase à influência do espírito sobre o corpo, como à deste sobre aquele. A *energia eléctrica do cérebro*, suscitada pela actividade mental, vivifica o organismo todo, e assim é de inestimável auxílio na resistência à doença.» — *Educação*, pág. 197. (O itálico é nosso).

«Os que se contentam em dedicar as suas vidas ao trabalho físico e deixam que os outros pensem por eles, enquanto se limitam a executar o que os outros cérebros planearam, terão força muscular mas fracos intelectos. ... Esta classe cai mais facilmente quando atacada pela doença; o organismo é vitalizado pela *força eléctrica do cérebro* para resistir à doença.» — *Testimonies*, vol. 3, pág. 157. (O itálico é nosso).

Nos delicados centros do cérebro são introduzidos de várias ma-

neiras muitos sinais de inteligência. Como operador de uma estação de rádio de amadores eu transmito sinais audíveis através do microfone, que os transpõe em impulsos eléctricos que podem ser compreendidos. Da mesma maneira, através dos ouvidos recebemos mensagens audíveis que são levadas como impulsos até ao cérebro.

Um editorial de W. A. Spicer, publicado na *Review and Herald*, de 11 de Setembro de 1947, tem particular importância. Citando do *Forum* de Nova Iorque (Abril de 1934), lemos o seguinte:

«É um facto que o nosso sentido do ouvido funciona pela transformação de ondas sonoras... em oscilações eléctricas, e que não é semelhante a um microfone, — é um autêntico microfone... Não há dúvida de que quando o cérebro seleccionou e associou as mensagens vindas dos sentidos, reage sobre elas suscitando precisamente as mesmas perturbações eléctricas através dos nervos motores.»

Assim como a câmara de televisão capta ondas luminosas e as converte em correntes eléctricas que são transpostas em imagens, assim os olhos captam ondas luminosas que são transpostas em correntes, levadas ao cérebro, e interpretadas como imagens. O Espírito de Profecia assim fala dos sentidos como sendo as vias de acesso à alma: «Todos devem guardar os sentidos, para que Satanás não ganhe vitória sobre eles; porque eles constituem as vias de acesso à alma.» — *Testimonies*, vol. 3, pág. 507.

Quão cuidadosamente devemos escolher a nossa leitura, os nossos programas de rádio, os nossos programas de televisão!

Assim como a minha antena capta mensagens do espaço e essas mensagens se tornam audíveis pelo receptor, assim também o Senhor muitas vezes nos fala na voz mansa e delicada com que falou ao profeta de outrora (1 Reis 19:12) se os nossos corações estiverem abertos e sintonizados com Ele. Com efeito, é pelas correntes eléctricas do sistema nervoso que Ele nos fala. Notai estas palavras inspiradas: «Os nervos do cérebro,

que se ligam com o organismo todo, são o intermédio pelo qual o Céu se comunica com o homem e afecta a sua vida íntima. O que quer que estorve a *circulação da corrente eléctrica* no sistema nervoso, ... vem tornar mais difícil o despertar da natureza moral.» — *Educação*, pág. 209. (O itálico é nosso). Notai também estas palavras: «Os nervos do cérebro que comunicam com o corpo todo são os únicos instrumentos pelos quais o Céu pode comunicar-se com o homem e afectar a sua vida interior. Qualquer coisa que perturbe a circulação das correntes eléctricas no sistema nervoso, diminui a força dos poderes vitais e resulta no amortecimento das sensibilidades da mente.» — *Testimonies*, vol. 2, pág. 347.

Quando Jesus Se encontrava sobre a Terra estava carregado de uma corrente celeste que vinha até Ele através de muita oração e súplica. «Como homem, Ele suplicava ao trono de Deus, até que a Sua humanidade fosse de tal modo carregada com a *corrente celestial*, que pudesse estabelecer ligação entre a humanidade e a divindade.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 269. (O itálico é nosso). Como Jesus, nosso grande exemplo, Se carregava de corrente celeste por meio da oração, sabemos que nós também podemos receber uma preparação para o serviço por meio da oração. Os que entraram em contacto com Ele puderam sentir esse poder, como sucedeu com a mulher que tocou a orla da Sua túnica. «Ao passar Ele, ela adiantou-se, e conseguiu tocar-lhe de leve apenas, na orla do vestido. ... Sentiu no mesmo instante a comoção *como de uma corrente eléctrica* que lhe perpassasse pelas fibras do ser. Sobreveio-lhe uma sensação de perfeita saúde.» — *A Ciência do Bom Viver*, págs. 47, 48. (O itálico é nosso). Marcos diz que Ele percebeu em Si mesmo que tinha saído poder d'Ele.

Mas aqueles que não se submetem a Deus podem ser dominados por Satanás. «Os seus agentes (de Satanás) pretendem ainda curar a doença. Atribuem o seu poder à electricidade, ao magnetismo, ou

OS FRUTOS DO DOM DE PROFECIA

Os Adventistas do Sétimo Dia estão convencidos de que a Senhora Ellen G. White realizou na Igreja a missão de uma verdadeira profetisa. Durante os setenta anos que consagrou à pregação, à publicação de obras e à oração em

Este artigo, que publicamos em duas partes, foi preparado recentemente pela Conferência Geral. — Nota da Redacção.

aos chamados 'remédios simpáticos'. Na verdade, eles são apenas canais para as correntes eléctricas de Satanás. Por este meio ele lança o seu encantamento sobre os corpos e almas de homens.» — *Testimonies*, vol. 5, pág. 193. (O itálico é nosso). (Ver *Prophets and Kings*, págs. 211, 212). Era desta maneira que os homens se tornavam possessos do demónio no tempo de Cristo, e muitos são assim possuídos hoje.

Graças a Deus há uma salvação contra o Satanás tomar posse de nós. Nos aparelhos de rádio e televisão há um pequeno botão de controle pelo qual podemos não só escolher a estação que desejamos mas podemos também desligar se o programa nos não agrada. Assim no cérebro há um interruptor de controle chamado a vontade. Diz a Sr.^a White:

«Não podeis controlar os vossos impulsos, emoções, segundo desejardes; mas podeis dominar a vontade, e podeis operar uma inteira mudança em vossa vida. Entregando a Cristo o vosso querer, a vossa vida estará escondida n'Ele em Deus, e aliada ao poder que se acha acima de todos os principados e potestades. ... Vossa vontade, porém, deve cooperar com a vontade de Deus. ... O infinito sacrifício de Deus em dar Jesus, Seu amado Filho, para Se tornar um sacrifício pelo pecado, habilita-O a dizer, sem violar um princípio do Seu governo: 'Submete-te a Mim; dá-Me a tua vontade; tira-a do domínio de Satanás, e dela Me apoderarei; então posso operar em ti o querer e o efectuar segundo a Minha boa vontade.'» — *Mensagens aos Jovens*, págs. 150, 152.

favor da causa que ela amava, os frutos do seu dom inspirado pareceram atrair a bênção divina sobre a denominação. Ela dirigiu exortações à Igreja, exaltou a missão redentora de Cristo e esgotou todos os seus recursos — de que natureza fossem — esforçando-se por realizar a tarefa à qual consagrara uma longa e proveitosa existência. Até que ponto conseguiu ela cumprir a sua missão, e em que medida beneficiou o movimento adventista do seu ministério? Que frutos produziu a obra da sua vida? Esta breve exposição permitir-nos-á lançarmos uma vista de olhos sobre a sua existência e responder a estas diferentes perguntas.

O Espírito de Profecia confirma a fé na Bíblia

A Senhora White considerava as Escrituras como a revelação suprema da verdade. Os *Testimonies* tiveram como objectivo atrair a atenção do povo de Deus para os grandes princípios da salvação, tais como se encontram enunciados na Bíblia. É o que ressalta claramente da seguinte declaração, saída da sua pena:

«A Palavra de Deus é suficiente para dissipar as trevas mais espessas. Ela é inteligível para os que desejam compreendê-la. Não faltam porém pessoas que, professando fazer da Palavra de Deus o objecto dos seus estudos, calcam aos pés os seus mais claros e precisos ensinamentos. Para que ninguém seja excusável, Deus dá-lhes testemunhos directos para os reconduzir à Palavra, cujos ensinamentos prezam.

«A Palavra de Deus abunda em princípios gerais relativos à forma-

ção do carácter. Os testemunhos, quer gerais, quer particulares, destinam-se a recordar esses princípios.» — *Testimonies*, vol. 2, págs. 158, 159.

O Espírito de Profecia contribuiu para a unidade dos crentes

São Paulo declara que os dons espirituais foram concedidos aos crentes a fim de que progredam todas as actividades evangélicas da religião cristã, e que reímem no seio da Igreja a unidade e o amor:

«E Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé.» Efésios 4:11-13.

Para ilustrar o modo como o Espírito de Profecia conseguiu realizar a unidade dos dirigentes da Igreja, citemos um acontecimento que ocorreu no começo do século. O movimento adventista encontrava-se então no limiar de uma crise: um obreiro influente propagava activamente a falsa doutrina do panteísmo, apresentando-a sob as aparências de novidade e de beleza. Se essa doutrina fosse aceita, devia infalivelmente anular o nosso conceito de um Deus pessoal, assim como os nossos dogmas fundamentais. Mas a pena da Senhora White pôs-se em actividade, e as suas mensagens denunciaram o erro, restabelecendo a unidade da fé e a harmonia entre os nossos irmãos antes perplexos.

Numa série de artigos intitulados «A Igreja Remanescente não é Babilónia», publicados na *Review and Herald* de 1893, a Senhora White enfrentou igualmente com energia a estranha doutrina que, acusando o movimento adventista de se ter tornado «Babilónia», convidava os verdadeiros

filhos de Deus a sair dele. Os conselhos contidos nesses artigos foram reimpressos no livro *Testimonies to Ministers*, págs. 32-62, assim como em um folheto. Desde o primeiro parágrafo, a mensageira do Senhor pôs em evidência a oposição total de objectivo existente entre os *Testemunhos* e a teoria de quem pretendia que a Igreja se tivesse tornado a «Babilónia» da profecia:

«Os que proclamaram que a Igreja Adventista do Sétimo Dia era Babilónia, valeram-se dos *Testemunhos* para tentar reforçar a sua posição; mas porque não puseram em evidência o tema que durante anos me tenho esforçado por expor na minha mensagem — o da unidade da Igreja? Porque não citaram as palavras do anjo: cerraí fileiras, cerraí fileiras, cerraí fileiras? Porque não repetiram como uma advertência o princípio seguindo o qual na unidade reside a força e na desunião a fraqueza?» (*Testimonies to Ministers*, pág. 56).

O Espírito de Profecia dá à Igreja uma organização forte

A influência do Espírito de Profecia fez-se sentir na Igreja de maneira muito nítida desde os primeiros dias em que se fez apelo a James White para que publicasse uma revista. Essa influência teve como resultado uma recrudescência de actividade em muitos domínios. Os chefes do movimento foram convidados a fundar uma instituição médica e a ensinar as pessoas a terem boa saúde. Vem em seguida um apelo tendo como objecto o estabelecimento de uma escola, a formação de homens para o ministério e a preparação dos jovens para o serviço cristão. Depois disso a atenção dos responsáveis foi atraída para o ultramar, para que se enviassem missionários e se lhes desse um generoso apoio

financeiro. Mais uma directiva foi dada: estabelecer centros missionários na metrópole em favor dos necessitados. Finalmente, um apelo a prover-se à formação de enfermeiras, de médicos e de médicos-missionários foi estendido aos dirigentes.

Em 1901, as actividades da denominação foram reorganizadas, tendo a Senhora White sublinhado a necessidade de uma nova repartição das responsabilidades. Durante os anos que se seguiram, o Espírito de Profecia contribuiu em grande medida para orientar o movimento adventista no sentido do trabalho da Missão Interior e da Escola Sabatina. Eis o que diz a este respeito o pastor W. C. White:

«Quando a Escola Sabatina estava em vias de se organizar e se agitava a questão de saber se convinha recolher ofertas em dia de Sábado, foi a voz do Espírito de Profecia que levou à adopção geral da medida que consiste em reunir fundos para as missões.

«Da mesma maneira, quando se começou a Campanha das Missões e certas almas demasiado zelosas se opunham violentamente, sob o pretexto de que o papel do povo de Deus era dar e não receber dinheiro das pessoas do Mundo

para a propagação do Evangelho, o Espírito de Profecia apoiou grandemente o novo empreendimento pela sua mensagem clara, cujo fim era justificar o lançamento da Campanha das Missões. («The Spirit of Prophecy, What does it mean to God's People?» — Conferência de W. C. White, em Angwin, Califórnia, em 1936).

(Conclui no próximo número)

Curso de Pregadores Voluntários

De 22 a 28 de Abril terá lugar, em Lisboa, o anunciado Curso de Pregadores Voluntários, que será dirigido pelo Pastor W. A. Wild, Secretário do Departamento da Missão Interior da Divisão Sul-Europeia.

Os planos estabelecidos e as disciplinas que vão ser ministradas fazem prever um Curso em extremo interessante e útil.

Fazei desde já os vossos planos a fim de tomar parte nele.

Departamento de Publicações da União Portuguesa

Relatório de vendas referente a Janeiro de 1956

| NOMES | HORAS | LIVROS | REVISTAS | TOTAL |
|-------------------------|-------|------------|------------|------------|
| António Duarte | 211 | 2.274\$00 | 3.475\$00 | 5.749\$00 |
| Maria Luísa Serra | 146 | —\$— | 3.200\$00 | 3.200\$00 |
| Adelino Diogo | 161 | 1.410\$00 | 1.065\$00 | 2.475\$00 |
| Isaiás da Silva | 84 | 2.295\$00 | 155\$00 | 2.450\$00 |
| João António | 114 | 1.020\$00 | 1.347\$00 | 2.367\$00 |
| Idalina Ferreira | —\$— | —\$— | 2.275\$00 | 2.275\$00 |
| Flora Saramago | 210 | 210\$00 | 1.955\$00 | 2.165\$00 |
| Clemente Sales | 62 | 1.075\$00 | 927\$00 | 2.002\$00 |
| Mmanuel Oliveira | 164 | 1.826\$00 | 125\$00 | 1.951\$00 |
| Afonso António | 138 | 420\$00 | —\$— | 420\$00 |
| Júlia Costa | 11 | —\$— | 300\$00 | 300\$00 |
| | 1.301 | 10.530\$00 | 14.824\$00 | 25.354\$00 |

Este número foi visado pela

Comissão de Censura

O Secretário de Publicações
Vitor Martinez

Com este título foi há pouco publicado um folheto, no qual se atacam os Adventistas do Sétimo Dia a propósito da doutrina da Purificação do Santuário. Desvirtuando e confundindo afirmações, chega o autor a acusar-nos de blasfemos e de destruidores do próprio fundamento da fé.

Devido à gravidade destas acusações, vemo-nos forçados a definir a nossa posição, para esclarecimento dos possíveis leitores e dos responsáveis pela publicação do citado folheto.

Carácter simbólico do Ritual do Santuário

Necessitamos de não perder de vista o carácter simbólico do santuário e do respectivo ritual. Caso contrário, passarão despercebidas as mais preciosas lições do Antigo Testamento acerca do próprio plano da salvação.

É impossível lermos a Epístola aos Hebreus sem ficarmos impressionados com essas lições. Segundo a dita epístola, o que se passava no santuário era apenas «exemplar e sombra das coisas celestiais». (Heb. 8.5).

Os sacerdotes da antiga ministração eram figuras de Jesus, «sumo sacerdote tal, que está assentado nos Céus à dextra do trono da majestade, ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou e não o homem». (Heb. 8:1, 2).

O mesmo pensamento é ainda frisado nestas palavras: «Vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezeros, mas por Seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efectuado uma eterna redenção.» (Heb. 9:11, 12). «Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo Céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus.» (Heb. 9:24).

Vejamos resumidamente como o

santuário e o seu ritual simbolizavam o plano da salvação.

O Pátio

Antes do santuário propriamente dito, mas intimamente relacionado com ele, encontrava-se o pátio, no qual se destacavam dois objectos de cobre: uma pia, cheia de água, onde os sacerdotes deviam lavar as mãos e os pés antes de oficiarem no tabernáculo (Êx. 30:17-21; 38:8), e o altar dos holocaustos.

Eram aqui feitas cinco espécies de ofertas: ofertas queimadas ou holocaustos, ofertas de manjares, ofertas pacíficas, ofertas pelo pecado e ofertas pela transgressão. Vejamos alguns pormenores relacionados com três delas:

As ofertas queimadas ou holocaustos (Lev. 1) pertenciam o sacrifício da manhã e da tarde, que constava de um cordeiro oferecido em nome da Nação, e os sacrifícios voluntários individuais (de novilhos, ovelhas, cordeiros, rolas ou pombos). Morto o animal, o seu sangue era espargido sobre o altar, e o corpo, limpo de toda a imundície, era inteiramente consumido pelo fogo sobre o mesmo altar. Nenhuma parte era comida. Este sacrifício simbolizava inteira consagração.

As ofertas pelo pecado (Lev. 4) relacionavam-se com pecados cometidos por ignorância. Entravam nesta categoria os pecados cometidos por erro, por engano, ou actos precipitados feitos inadvertidamente.

Se o pecado fora cometido por uma pessoa dentre o povo comum, esta trazia uma cabra ou uma cordeira, colocava a mão sobre a ca-

beça do animal e degolava-o junto do altar. O sacerdote punha parte do sangue do animal nas pontas do altar e o resto derramava na base do mesmo. A gordura era queimada sobre o altar e a carne era comida pelo sacerdote. (Lev. 6:25, 26, 29).

O mesmo se passava com o bode que era degolado pelo príncipe que pecara.

Num e noutro caso, o pecado passava assim do individuo para o sacerdote e o santuário.

Se o pecado fora cometido por toda a congregação, era oferecido um novilho, sobre cuja cabeça os anciãos colocavam as mãos. Parte do seu sangue era, pelo sacerdote, espargida sete vezes no lugar santo, diante do véu que separava este compartimento do lugar santíssimo, e outra parte nas pontas do altar do incenso; o resto era derramado na base do altar dos holocaustos, a gordura era queimada nesse mesmo altar e a carne era queimada fora do acampamento. (Lev. 4:6, 7, 17, 18).

Se o pecado fora cometido por um sacerdote, este trazia um novilho, sobre cuja cabeça colocava a mão, degolava-o, e procedia exactamente como acabamos de descrever para o caso de um pecado de toda a congregação.

As ofertas pela transgressão (Lev. 5 e 6) diziam sobretudo respeito a dívidas para com Deus ou o próximo. Desde que se houvesse prejudicado alguém, devia fazer-se prévia confissão e restituição ao ofendido. Era então oferecido um animal (segundo o caso, um carneiro, uma cordeira, uma cabrinha, uma rola ou um pombinho) ou, se o pecador não tivesse possibilidade para mais, a décima parte de um efa de flor de farinha.

Os Adventistas do Sétimo Dia e a Expição

O ritual, com a devida adaptação neste último caso, era o mesmo das ofertas pelo pecado anteriormente descrito. A carne dos animais ou a farinha eram comidas pelo sacerdote oficiante. (Lev. 5:11-13).

Resumindo: Dois cordeiros eram cada dia queimados sobre o altar dos holocaustos, pelos pecados da Nação. Quando um indivíduo pecava, confessava o seu pecado sobre o animal que oferecia. Se se tratava de um simples membro da congregação ou de um príncipe, o pecado, através do sangue do animal, passava para o altar, e, através da carne, para o sacerdote oficiante. Quando, por sua vez, o sacerdote pecava, o sangue do animal, representando o pecado, era levado para dentro do santuário, o mesmo sucedendo quando pecava toda a congregação.

Não é difícil de descobrir o simbolismo do que acabamos de expor.

Se o santuário propriamente dito representava o santuário celeste, é bem de ver que o pátio simbolizava a Terra, na qual Cristo, nosso Substituto, morreu em nosso lugar. O altar dos holocaustos é um símbolo bem apropriado da Cruz. O cordeiro morto de manhã e à tarde pela Nação tem o seu antítipo em Jesus—«Cordeiro de Deus que tira o pecado do Mundo» (João 1:29)—morto pela Humanidade. Os sacrifícios pelos pecados individuais simbolizavam a aceitação de Jesus como Salvador pessoal de cada pecador que se arrepende.

O sacerdote, antes de entrar no santuário, devia lavar-se, a fim de officiar com as mãos e os pés limpos—símbolo expressivo de Jesus, o bendito Salvador, que jamais conheceu a mancha do pecado.

O Lugar Santo

Neste compartimento encontra-se, à esquerda, um castiçal, com sete lâmpadas; à direita, a mesa dos pães da proposição; à frente, mesmo diante do véu que en-

cobria o lugar santíssimo, o altar do incenso. Todos estes objectos eram de ouro.

Cada dia, durante a oração da manhã e da tarde, entrava um sacerdote no lugar santo e ali queimava incenso sobre o respectivo altar, o que o levava bem perto da presença do Senhor, pois ficava «diante do véu que está diante da arca do testemunho, onde Me ajuntarei contigo». (Êx. 30:6).

Como já vimos, ao entrar no lugar santo, o sacerdote personificava os pecadores, cuja carne dos sacrifícios tinha comido.

Se ele próprio ou toda a congregação tinham pecado, então, perante o véu que separava este compartimento do lugar santíssimo, espargia com o dedo parte do sangue do animal imolado, pondo também parte desse sangue nas pontas do altar do incenso.

Neste mesmo compartimento eram sempre mantidas acesas as lâmpadas do castiçal e, cada Sábado, eram mudados os pães da proposição, que continuamente estavam perante o Senhor na respectiva mesa.

O simbolismo do que se passava no lugar santo é evidente.

Assim como o sacerdote transitava do pátio para o santuário, Cristo, realizada a Sua missão na Terra, «não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo Céu» (Heb. 9:24).

Como o sacerdote substituiu o povo, Jesus apresenta-Se como substituto daqueles que O tenham recebido como seu Salvador.

Como, ao oferecer o incenso, o sacerdote fazia intercessão pelo povo, enquanto este orava, assim Jesus, Advogado (1 João 2:1) e único Mediador entre Deus e os homens (1 Tim. 2:5), «pode salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles». (Heb. 7:25).

Da mesma maneira que, perante a Lei transgredida, a aspersão do sangue lembrava os pecados confessados e expiados pela morte do animal, assim, nos livros do Céu, os méritos do sangue de Cristo co-

brem igualmente os pecados confessados. (Cfr. 1 João 1:7; Apoc. 1:5).

Mas a vida cristã não consiste apenas em ter os pecados perdoados. Necessitamos do poder do Alto para alcançar a vitória. Esse poder vem através do Espírito Santo, simbolizado pela luz emitida pelas lâmpadas do castiçal. (Cfr. Apoc. 4:5; Zac. 4:2, 3). E assim como se encontravam no lugar santo os pães da proposição, que eram comidos pelos sacerdotes, assim Jesus é o «Pão vivo que desceu do Céu». (João 6:51). Só quem vive em íntima comunhão com Ele receberá forças para uma vida vitoriosa, agora, e, depois, a vida eterna.

O Lugar Santíssimo e o Dia da Expição

Era de ouro maciço, ou pelo menos revestido de ouro, tudo que se encontrava neste compartimento: a arca, que continha as tábuas da Lei; a sua tampa, chamada propiciatório; e os dois querubins, que estavam sobre ela.

No lugar santíssimo só entrava o sumo sacerdote uma vez no ano—no Dia da Expição. (Lev. 16 e 23).

Esta solenidade tinha lugar no décimo dia do sétimo mês hebraico, mas já a partir do primeiro dia desse mês o som da trombeta convidava o povo ao arrependimento e à preparação espiritual para ela.

Como nos outros dias do ano, começava o Dia da Expição com a oferta do holocausto da manhã. (Num. 29:11).

O sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo, colocava ali um incensário com brasas e incenso, «e a nuvem do incensário cobrirá o propiciatório, que está sobre o testemunho, para que não morra» (Lev. 16:13).

Em seguida, tomava do sangue de um novilho por ele acabado de degolar, «e com o seu dedo espargirá sobre a face do propiciatório para a banda do Oriente; e perante o propiciatório espargirá sete vezes do sangue com o seu dedo».

(V. 14). Era assim feita expiação por ele e pela sua casa. (V. 6).

Anteriormente, haviam sido lançadas sortes sobre dois bodes: um de expiação ou pelo Senhor, e outro chamado bode emissário. (V. 8). O primeiro era agora morto. Estava-se no momento mais solene do dia. O sumo sacerdote ia de novo ao lugar santíssimo, e espargia parte do sangue do bode sobre o propiciatório e diante dele. (V. 15). Fazia depois o mesmo no lugar santo e, finalmente, no altar dos holocaustos.

Enquanto o sumo sacerdote se encontrava no lugar santíssimo, o povo estava possuído de solene temor, não morresse ele na presença de Deus. Acompanhava com profunda emoção o som dos tintinábulo das suas vestes e era com alegria que o viam regressar ao pátio.

Todos quantos se identificaram com ele sentiam agora o júbilo de terem sido aceitos definitivamente.

O sumo sacerdote fazia então chegar o bode vivo, punha as mãos sobre a sua cabeça, confessava sobre ele as iniquidades dos filhos de Israel e enviava-o para o deserto por um homem para isso designado. (Lev. 16:20-22).

Em seguida eram oferecidos alguns holocaustos, simbolizando a inteira consagração do povo a Deus. (Lev. 16:24; Num. 29:7-11).

Todos quantos se não tivessem arrependido naquele dia, eram «extirpados» do povo de Israel. (Lev. 23:29). Quanto ao bode emissário, esse acabava por morrer no deserto.

Várias declarações bíblicas resumem o que se passava no Dia da Expição, como sendo obra de purificação do santuário e do povo. Das cerimônias do lugar santíssimo e do lugar santo é dito: «Fará expiação pelo santuário, por causa das imundícies dos filhos de Israel e das suas transgressões, segundo todos os seus pecados: e assim fará para a tenda da congregação que mora com eles no meio das suas imundícies.» (Lev. 16:16). Quanto ao altar dos holocaustos, lemos: «Daquele sangue espargirá

sobre ele com o seu dedo sete vezes, e o purificará das imundícies dos filhos de Israel, e o santificará.» (V. 19). E acerca do conjunto das cerimônias: «Naquele dia se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor.» (V. 30). «Expiará o santo santuário; também expiará a tenda da congregação e o altar: semelhantemente fará expiação pelos sacerdotes e por todo o povo da congregação.» (V. 33).

Os israelitas consideravam, e ainda consideram, o Dia da Expição como prefigurando o Juízo.

Acerca do som da trombeta no primeiro dia do sétimo mês é dada a seguinte explicação: «Várias razões são dadas para tocar o chofar, sendo a principal como sinal da chegada do Juiz de toda a terra a fim de julgar as Suas criaturas e despertar-nos para a penitência e para a nova actividade ao serviço de Deus.» (*Rudimentos de Judaísmo*, por Isaías Raffalovich, Gran Rabino da Comunidade Israelita Brasileira, Rio de Janeiro, 1925, pág. 62).

Esse «é o dia de julgamento mais importante do ano, dia em que todos os habitantes da Terra são julgados perante o Senhor.» (*Roch ha-Chanah*, Recordação do «Hehaber», Lisboa, 1929, pág. 12).

Num sermão pregado no Rio de Janeiro, no Dia da Expição, assim se exprimia o citado Rabino Raffalovich: «Neste dia devemos sentir-nos humildes, lembrando-nos de que estamos na presença do Grande Juiz, a quem nada se pode ocultar, diante de quem os nossos corações se apresentam desnudos, de quem os nossos mais íntimos pensamentos são conhecidos.» (Isaías Raffalovich, *A Expição*, Rio de Janeiro, 1929, págs. 3, 4).

Entre outras orações, no Dia da Expição dirigem os judeus a Jeová a seguinte: «Nosso Deus e Deus de nossos antepassados, não nos aniquiles no dia do julgamento. Quando Tu pesares as nossas acções, não nos risques do Teu livro! Quando examinares os castigos que merecemos, que a Tua

misericórdia ultrapasse a Tua ira. Se as nossas obras são fracas, que a Tua clemência seja poderosa. Ó nosso Pai, nós Te suplicamos, acolhe as nossas orações e concede-nos a salvação.» (*A Noite de Kippur*, segundo o Rito Português, Edição da Comunidade Israelita do Porto, 1929, págs. 41, 42).

Com efeito, é evidente a relação entre o Dia da Expição e o Juízo. Para disso nos convencer-mos basta um rápido relance de olhos ao simbolismo dos objectos que se encontravam no lugar santíssimo e do ritual que se observava nesse dia.

Assim como as tábuas da lei eram o centro do serviço do santuário, assim a Lei de Deus é o ponto de referência do plano da salvação. Cristo morreu para manter a perenidade da Lei, dando com o Seu sacrifício uma satisfação a essa Lei e à sabedoria do Legislador. A Lei de Deus é o padrão pelo qual o Mundo será julgado.

O propiciatório era assim chamado porque quando, no Dia da Expição, era espargido sangue sobre ele, se estendia o perdão aos pecadores arrependidos. Da mesma maneira, ao perdoar o pecador arrependido pelos méritos do sangue do Salvador, Deus podia ser «justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.» (Rom. 3:26).

Os querubins olhando para o propiciatório mostravam o grande interesse do Céu pelo plano da salvação.

Entre os querubins revelava-se a manifestação da presença de Deus. A lei, contida na arca, e a graça, simbolizada pelo propiciatório, revelam o carácter de Deus.

Sob o ponto de vista individual, não bastava que cada pecador tivesse confessado os pecados pelos quais oferecera sacrifícios. Quantos pecados não ficaram ainda por confessar! Quantas recaídas depois da confissão! O que importava era a aceitação final. E, sob um ponto de vista mais amplo, tornava-se necessário eliminar o pecado de todo o acampamento e começar uma vida nova. Era essa a obra simbolizada pela purificação do santuário terrestre. Não basta, tam-

bém que tenhamos confessado alguns dos nossos pecados. Quantos pecados não temos deixado de confessar! Quantas vezes não temos recaído! Que verdade solene, a de que todos os nossos pensamentos, palavras e acções se encontram registados nos livros do Céu, e que cada caso será examinado, segundo o que está registado, perante os representantes do vasto Universo! Subsistiremos nós no juízo? Ser-nos-á finalmente dada a vida eterna? A nossa única esperança repousa nos méritos do Salvador. Por outro lado, impõe-se a reivindicação, digamos oficial, da justiça de Deus, pela qual é dada satisfação à Lei transgredida e ao mesmo tempo é dada a salvação ao pecador arrependido. O registo dos pecados confessados é definitivamente apagado. A medida que é assim purificado o santuário celeste, é decidida a vida eterna para cada um dos remidos.

Com o sangue do bode expiatório era purificado o santuário terrestre. Da mesma sorte, «era bem necessário que as figuras das coisas que estão no Céu assim se purificassem; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes». (Heb. 9:23).

Ainda havia perdão para quem se arrependesse no próprio Dia da Expição, enquanto o sumo sacerdote oficiava no lugar santíssimo. O mesmo sucederia até que cada caso fosse decidido no juízo dos remidos, ou seja, até ao fim do tempo da graça. A partir desse momento, «quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda». (Apoc. 22:11).

Quando o sumo sacerdote aparecia no pátio, depois de realizada a purificação do santuário, o povo sabia que tinha sido finalmente aceito; assim quando Jesus vier segunda vez à Terra, os remidos saberão que foram aceitos: «Como aos homens está ordenado morrerem uma vez vindo depois disso o juízo, assim também Cristo, oferecendo-Se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O espe-

ram para salvação.» (Heb. 9:27, 28).

O povo começava nessa altura um novo ano. Os remidos iniciarão então a vida imortal.

Os que não se arrependiam eram extirpados do povo de Israel, da mesma maneira que os impenitentes ficarão excluídos do reino de Deus.

Assim como os pecados eram depois lançados sobre o bode emissário e este era enviado para o deserto e ali morria, a responsabilidade final do pecado será, perante o Universo, lançada sobre Satanás. Este estará na Terra deserta durante mil anos (Apoc. 20), e finalmente será exterminado, desaparecendo do Mundo o pecado e o seu causador.

O Tempo do Juízo

À primeira vista, ao ler Mateus 25:31-46, talvez alguém seja levado a crer que o Juízo será um acontecimento rápido, em que todas as fases serão simultâneas. A mesma impressão se tem ao ler-se o capítulo 24 do mesmo Evangelho, em que parece deverem ocorrer simultaneamente a destruição de Jerusalém e o fim do Mundo. Um exame mais cuidadoso levará, porém, à conclusão de que assim não sucede. O simples facto de que ao inaugurar-se o Juízo «se abriram os livros» (Dan. 7:10) já nos deve fazer pensar num acontecimento mais ou menos demorado.

Como se passa nos julgamentos humanos, há duas fases a considerar: o exame do processo e a execução da sentença; aquele demorado, esta rápida. Há, pois, a distinguir: o exame do processo dos remidos e a execução da respectiva sentença; o exame do processo dos impenitentes, e a sua respectiva sentença.

Começemos pelo fim. Antes do juízo executivo dos impenitentes, haverá o seu juízo investigativo. Nele tomam parte os remidos. (1 Cor. 6:1-3; Sal. 149:9). Quanto tempo durará? Segundo o Apocalipse, esse julgamento terá lugar durante os mil anos que me-

deiam entre a primeira ressurreição (a da vida, ou dos remidos, por altura da vinda de Jesus) e a segunda (da condenação, ou dos ímpios). (João 5:29; Apoc. 20:4-6).

Quando Jesus vier, aquando da ressurreição dos remidos, executará neles a sentença da imortalidade, que foi decidida após o respectivo juízo investigativo.

Este deve ter-se iniciado, pois, antes da vinda de Jesus e não nesse momento.

Teremos na Bíblia alguns indícios acerca do seu começo?

Segundo já vimos, o juízo investigativo corresponde, no serviço típico do Antigo Testamento, à purificação do santuário. Ora em Daniel 8:14 temos uma indicação preciosa: «Até duas mil tardes e manhãs, e o santuário será purificado».

O começo deste período corresponde ao início do das célebres Setenta Semanas de Daniel 9, do qual elas estão determinadas (ou, segundo o texto original, tiradas, cortadas). De acordo com os mais rigorosos dados históricos, o início destas semanas de anos ocorreu em 457 a. C., data da «saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém», no tempo de Artaxerxes. (Dan. 9:25). Todas as denominações cristãs interpretam este período, fazendo coincidir a última dessas semanas no tempo da morte de Cristo.

Se o início é, pois, em 457 a. C., e se o período das Setenta Semanas faz parte dos 2.300 dias ou anos proféticos, segue-se que este terminaria em 1844, e que nessa altura seria purificado o santuário celeste, único à data existente.

Não é de admirar que esse período leve tão longe na história do Mundo, pois que, segundo Gabriel explicou ao profeta, «esta visão se realizará no fim do tempo». (Dan. 8:17).

Se a interpretação proposta não é correcta, seja-nos apresentada outra que explique melhor o sentido das Setenta Semanas e dos 2.300 dias.

Por outro lado, quando no Céu se inicia o Juízo, na Terra ainda tem lugar a pregação do Evange-

lho. «Vi outro anjo voar pelo meio do Céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a Terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do Seu Juízo.» (Apoc. 14:6, 7). Essa pregação do Evangelho, mercê de várias circunstâncias — como o desenvolvimento de meios de comunicação e de transmissão do pensamento, a organização de sociedades bíblicas e de sociedades missionárias, etc. — começou a realizar-se sobretudo a partir do séc. XIX.

Vivemos, pois, em tempos solenes, durante os quais se manifestam sinais de que Jesus está para vir à Terra em breve, a fim de executar a sentença do juízo, dando a vida eterna àqueles que O tenham aceitado como seu Salvador.

Conclusão

Do que acaba de ser exposto claramente se conclui que, longe de minimizarem a obra redentora de Jesus, os Adventistas do Sétimo Dia a exaltam.

A origem do escândalo do autor do folheto a que atrás nos referimos reside na sua confusão entre o bode expiatório e o bode emissário, fazendo de ambos apenas um. É assim levado a afirmar que consideramos Satanás como nosso Salvador. Que o Senhor lhe perdoe tão injusta calúnia!

Pretende ele que, em conformidade com esse ponto de vista, os Adventistas nunca se referem ao sacrifício de Cristo na cruz nem à Sua obra redentora. Já que é citada a escritora adventista E. G. White, baste-nos indicar três obras suas recentemente publicadas em Portugal — «O Desejado de Todas as Nações», «Aos Pés de Cristo» e «O Conflito dos Séculos» — e por elas se verá quão oposta à verdade é tal acusação.

Decididamente, apesar das calúnias dos seus detractores, os Adventistas do Sétimo Dia amam a Jesus como seu único Salvador, n'Ele confiam como seu Mediador no Céu, e aguardam-n'O como seu Galardoador final.

E. Ferreira

QUADRO SINÓPTICO DO RITUAL DO SANTUÁRIO

| <p>I. Pátio</p> <ol style="list-style-type: none"> O altar dos holocaustos. A pia, onde os sacerdotes se purificavam. Holocaustos da manhã e da tarde, por toda a Nação. Ofertas individuais pelo pecado e pela transgressão. | <p>I. Sacrifício de Jesus na Terra</p> <ol style="list-style-type: none"> A cruz, em que Jesus morreu. Jesus, o Imaculado, não foi manchado pelo pecado. Jesus morreu por toda a Humanidade. Jesus morreu por cada um individualmente. | <p>II. Justificação</p> <ol style="list-style-type: none"> A morte de Jesus foi necessária para nossa justificação. Só um Ser sem pecado nos poderia salvar. Jesus, Salvador da Humanidade. Jesus, Salvador pessoal daquele que O aceita. |
|---|---|---|
| <p>II. Lugar Santo</p> <ol style="list-style-type: none"> O sacerdote, representando o povo, transitava do pátio para o lugar santo. O altar do incenso. A aspersão de sangue lembrava os pecados confessados e expiados pela morte do animal. O castiçal, com sete lâmpadas. A mesa dos pães da proposição. | <p>II. Mediação de Jesus no Céu</p> <ol style="list-style-type: none"> Jesus, nosso Sumo Sacerdote, subiu da Terra ao Céu. Jesus intercede no Céu em favor do homem. Nos ivros do Céu os pecados confessados ficam cobertos pelos méritos do sangue de Cristo. Jesus, agindo através do Espírito Santo. Jesus, o Pão da vida. | <p>II. Santificação</p> <ol style="list-style-type: none"> Jesus sobe ao Céu como Precursor do homem. O crente tem no Céu um Advogado e Mediador. Os pecados confessados são perdoados pelos méritos do Divino Substituto. O Espírito Santo, representante de Jesus na obra da santificação individual. A união com Cristo, condição de vitória e penhor da vida eterna. |
| <p>III. Lugar Santíssimo</p> <ol style="list-style-type: none"> A arca, com a Lei. O propiciatório. A manifestação da presença de Deus entre os querubins. No Dia da Expiação, a lembrança dos pecados confessados era apagada, purificando-se assim o santuário. A purificação do santuário terrestre operava-se por meio do sangue do bode expiatório. Ainda havia perdão para quem se arrependesse no próprio Dia da Expiação. Quando o sumo sacerdote saía do santuário para o pátio, o povo sabia que tinha sido aceito. O povo começava então uma nova vida. Os que não se tinham arrependido, eram extirpados do povo de Israel. Os pecados eram então lançados sobre o bode emissário. O bode ia para o deserto. O bode morria. | <p>III. Juízo e 2.ª Vinda de Jesus</p> <ol style="list-style-type: none"> A Lei de Deus, ponto de referência do Juízo. A misericórdia aliada à justiça de Deus. O Juízo será realizado na presença de Deus. Durante o Juízo, os pecados confessados são apagados definitivamente dos registros do Céu, purificando-se assim o santuário celeste. A purificação do santuário ceeste opera-se apenas pelos méritos de Jesus. Ainda há perdão até que seja decidido cada caso no juízo dos remidos. Quando Jesus vier segunda vez à Terra, os remidos saberão que foram aceitos. Será então definitivamente estabelecido o reino de Cristo. Os impenitentes ficam excluídos do Reino. A responsabilidade de todo o pecado é lançada sobre Satanás. Satanás na terra deserta durante o milénio. Satanás é aniquilado. | <p>III. Glorificação</p> <ol style="list-style-type: none"> Seremos julgados pela Lei de Deus. Seremos salvos pela graça. Os nossos casos comparecerão perante o tribunal de Deus. Só serão apagados os pecados de que nos tivermos arrependido e que tivermos confessado. Os pecados confessados só podem ser apagados pelos méritos do sangue de Cristo. Há perdão enquanto dura o tempo da graça. A salvação só estará consumada quando Jesus vier segunda vez, para transformar os crentes vivos e ressuscitar os que morreram na fé. Os crentes receberão então a vida eterna. |

Os tónicos da Primavera eram obrigatórios nos velhos tempos, quando o avô e a avó inauguravam a Primavera. Vários medicamentos, vendidos como tónicos do sangue, disfrutavam de grande venda ao despedir-se o Inverno. Alguns deles eram misturas duvidosas, e de pouco valor, ao passo que outros eram decididamente prejudiciais. Não obstante, apesar do sabor ou do cheiro ou da acção que exerciam, lá eram eles tomados, porque a Primavera exigia tónicos!

Os tónicos de que tratamos neste

se sentiam melhor, dormiam melhor, tinham mais apetite, e podiam pensar melhor. Estão convencidos de que estes quatro tónicos são realmente tónicos de alto valor.

A primeira coisa a fazer de manhã é beber dois copos de água (quente se fordes capazes de a tomar!). Em seguida, dai um rápido passeio de quinze a vinte minutos, andando de maneira a transpirardes. Isto fará o sangue girar através dos vossos vasos sanguíneos. Enquanto andais, purificai os vossos pulmões com ar fresco res-

proceder a outro segmento do corpo. Se este exercício vos cansa consideravelmente, friccionai apenas uma parte do vosso corpo na primeira manhã, repeti o acto na segunda manhã, acrescentando uma parte adicional do vosso corpo; e assim sucessivamente, até que acabeis por dar uma fricção completa diária.

Lembrai-vos de que o quarto deve estar quente, a água morna, e a toalha bem torcida quando começais. Algum tempo depois vereis que o quarto e a água podem até vir a estar frios. Isto é um sinal de que esta parte do vosso programa de tónicos da Primavera está realmente tonificando os vossos vasos sanguíneos e a vossa circulação.

A fricção das costas deve ser deixada para o fim, porque as costas — especialmente a área entre os ombros — constituem uma das áreas da pele mais sensíveis ao frio. (A propósito, talvez necessiteis de uma toalha de mão suficientemente grande para dar uma boa fricção às costas).

Estes tónicos da Primavera melhorarão a vossa circulação mais do que quaisquer outras medidas conhecidas da ciência médica. Os dois copos de água são o único laxante de que muitas pessoas precisam. (Se o vosso estômago tem alguma dificuldade em aceitar água tão cedo de manhã, começai apenas com alguns goles, *mas começai!*) O rápido passeio ajudará-vos a principiar o dia melhorando o vosso apetite para um bom pequeno almoço — a refeição básica do dia. A respiração profunda ajudará-vos a fornecer a todo o vosso organismo o elemento vital do oxigénio, tão essencial para a saúde de cada célula, mas particularmente para a das células e nervos do cérebro. A fricção fria diária tomar-vos-á em breve apenas uns cinco minutos, e não só ajudará a vossa circulação por uma acção directa sobre os vasos sanguíneos na vossa pele, ajudando assim o vosso coração cansado, mas aumentará a resistência do vosso corpo às infecções, e manterá a vossa primeira linha de defesa — a pele — trabalhando com

Tónicos da Primavera

pelo dr. Wayne MacFarland

artigo não se limitam à Primavera. Com efeito, se forem usados durante todo o ano, trarão a toda a família um grau de saúde de que muitos hoje não estão desfrutando.

Vigiai sobre vós mesmos! Estais fazendo cada dia alguma actividade ao ar livre — exercício físico suficiente para realmente transpirardes? Tendes horas regulares e fixas para o repouso e o sono? Aprendestes o suficiente acerca de comidas para saber se estais seguindo um regime convenientemente equilibrado? Bebeis seis a oito copos de água entre as refeições cada dia? Ou tendes um intermitente programa quanto ao comer, beber, dormir, trabalho e exercício?

Na realidade, as curas maravilhosas que muita gente busca encontram-se nas regras simples mas de longo alcance da vida natural, e em seguir um coerente programa diário de obediência às leis da boa saúde.

Há quatro tónicos da Primavera que desejamos mencionar de maneira especial: *exercício ao ar livre, respiração profunda, uso interior da água, e uso exterior da água*. Dois médicos «tomaram» fielmente estes quatro tónicos durante várias semanas, e ambos eles testemunharam que como resultado

pirando profundamente com o músculo do diafragma. (Obtém-se isto inspirando e expirando com força. Requerem-se pelo menos três destas respirações profundas).

Quando regressais do vosso rápido passeio, aguarda-vos a melhor parte das vossas medidas tónicas — uma fricção de água fria dada com uma luva! Se tendes uma alma tímida, podeis começar a vossa primeira fricção com água quente, mas cada manhã deveis tornar cada vez mais fria a água da vossa fricção, até que finalmente seja tão fria como corre da torneira. (Por outro lado, o quarto em que é dada a fricção deve estar aquecido). Torcei uma pequena toalha de mão molhada em água fria, e apliquei-a ao vosso braço esquerdo (ou direito) com uma rápida fricção da vossa mão direita (ou esquerda).

O segredo do êxito consiste em friccionar a pele até que tenha um tom rosado — *não deixeis de friccionar antes de a pele aquecer!* Então, torcei de novo a toalha e friccionai o outro braço. Em seguida, friccionai o peito e o tronco, e depois as pernas e finalmente as costas. Podeis, se assim desejardes, começar apenas com uma extremidade, secando-a bem com uma toalha quente antes de

DEZ REGRAS PARA UMA BOA SAÚDE

Extraídas do Espírito de Profecia

1. Aceitar o princípio de que se come para viver e não se vive para comer.

2. Procurar, quanto possível, banir da alimentação toda a carne e peixe, e abandonar completamente muita mistura de alimentos, queijos (excepto frescos), especiarias, chá, café e bebidas alcoólicas. Se em tempos foi saudável o regime cárneo, hoje já o não é, devido às doenças que existem nos animais; é o principal causador do cancro, doenças pulmonares, tumores e outras doenças.

3. Basear a alimentação nos frutos oleaginosos (em pequena porção), frutas, cereais completos, legumes, raízes, verduras, leite e ovos. Recomendando-se a combinação de oleaginosos com farinhas integrais, cozinhados na proporção de uma parte para dez, respectivamente.

4. Não é conveniente comer frutas e verduras na mesma refeição, nem usar leite com açúcar, estando condenados os doces em que entra esta combinação.

5. Intervalar as refeições de cinco horas, pelo menos, e não comer absolutamente nada entre as mesmas.

6. Usar o apetite somente para saborear e insalivar os alimentos, bem mastigados, mas nunca para encher demasiadamente o estômago.

7. Preferir apenas duas refeições diárias, mas se houver uma terceira, que esta seja ligeira e de

a máxima eficiência. Finalmente, um sentimento de bem-estar e um sistema nervoso funcionando mais suavemente serão outros resultados destes tónicos da Primavera.

Pai e mãe, avós e netos, todos vós podeis tomar estes genuínos tónicos da Primavera, com salutar benefícios para toda a família!

fácil digestão. Sendo conveniente ao deitar ter-se já o estômago livre.

8. Não tomar água fria nem muito líquido às refeições, nem enquanto a digestão se faz.

9. Não se entregar ao estudo nem a exercícios violentos logo após as refeições; mas é de grande proveito um pequeno passeio ao ar livre.

10. Exercício físico, repouso, respirar o máximo de ar puro e usar água simples; e, na doença, fugir às drogas, quanto possível, recorrendo-se antes aos tratamentos naturais para reacções e desintoxicação do organismo, são princípios imprescindíveis para uma boa saúde.

★

«Bolos quentes levedados com soda ou *baking powder* nunca deveriam aparecer nas nossas mesas. Tais componentes são impróprios para entrarem no estômago.» — C. D. F., p. 317.

«Segundo a luz que me foi dada, o açúcar, quando usado em abundância, é mais prejudicial do que a carne.» — Id., p. 328.

«É um terrível pecado abusar da saúde que Deus nos tem dado.» — Id., p. 20.

«Deus não pode deixar que o Seu Espírito repouse sobre aqueles que, embora saibam como se alimentarem para terem saúde, persistem em seguir uma conduta que enfraquecerá a mente e o corpo.» — Id., p. 55.

«Se alguém acatar a luz, que Deus em Sua misericórdia lhe dá sobre a Reforma da Saúde, pode ser santificado pela verdade e habilitado para a imortalidade. Se desprezar, porém, essa luz e viver em violação da lei natural, tem de pagar a penalidade.» — Id., p. 70.

«Muitos que professam seguir a Reforma da Saúde não passam de glutões.» — Id., p. 102.

«Comer demais tem um pior efeito sobre o organismo do que trabalhar demais.» — Id., p. 102.

«Glutões no Céu! Não, não; tais nunca entrarão pelas portas de pérolas da cidade de Deus.» — Id., p. 126.

«Os que procedem desse modo não são cristãos, sejam quem forem ou que situações elevadas professem.» — Id., p. 133.

«Só os que apreciam estes princípios, e forem instruídos para cuidarem dos seus corpos inteligentemente, e no temor de Deus, devem ser escolhidos para tomarem responsabilidades nesta causa.» — Id., p. 157.

«Deus mostrou-me que a Reforma da Saúde está tão intimamente ligada à mensagem do terceiro anjo como a mão o está ao corpo.» — Id., p. 71.

Deus quer que o Seu povo de hoje pratique escrupulosamente a Reforma da Saúde porque ela tem também grande importância na formação do carácter cristão. Os que transgredirem estas leis terão de sofrer as consequências, e Deus pode não os ouvir em caso de doença. Quanto aos obreiros, Deus quer que eles sejam o exemplo e especialistas neste assunto, mas se, pelo contrário, o menosprezarem estão desqualificados como obreiros na Sua santa causa.

Ainda afirma o Espírito de Profecia que os que praticam vícios, como o do fumo, o do alcoolismo, ou outro qualquer, são uma ofensa para Deus e culpados de pecado de idolatria.

«A obediência a estas leis promoverá a nossa felicidade nesta vida, e ajudar-nos-á na preparação para a vida futura.» — Id., p. 464.

«Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo,

LIDO E RESPIGADO

Os Céus manifestam a glória de Deus

De um interessante artigo de Prescott Chaplin, publicado no «Primeiro de Janeiro» de 1 de Março do ano corrente, extraímos os seguintes parágrafos:

«O homem está a descobrir que o Universo é tão vasto que o intelecto humano não pode começar a visioná-lo. Inversamente, quanto maior ficar determinado o Universo segundo o tamanho, maior se deve tornar a profunda e interminável significação do seu Criador. A presente fronteira da Criação, como foi vista pelos astrónomos do Mundo, é qualquer coisa como 10.800 sextilhões de quilómetros desde o nosso planeta até à orla norte da Via Láctea. Reduzido a dígitos, isto é, quase duas vezes a distância que fora calculada antes de o telescópio de 200 polegadas ter começado a funcionar no Observatório Palomar, em Palomar, Estados Unidos da América.

O que os astrónomos de Palomar estão a fazer é um mapa do próprio Espaço. Até agora, segundo somos informados, trouxeram uns quatro biliões de galáxias a distância fotográfica. E fazem alguma ideia sobre o tamanho de uma galáxia?

A nossa Via Láctea julga-se ser composta por qualquer coisa como 1.000.000.000.000 de estrelas tão grandes, se não maiores,

mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.» (Romanos 12:1-2).

«Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus» (1 Coríntios 10:31).

Extraído da obra Counsels on Diet and Foods de E. G. White, por Alberto F. Rapposo.

que o nosso Sol. Multipliquem um trilião por quatro milhões e ficamos com uma ideia do tamanho da tarefa que o Criador realizou.

As operações aritméticas cifram-se em quintilhões de sóis. E isto é simplesmente determinado pelo tamanho dos maiores telescópios do nosso Mundo. Se se construísse um telescópio com o dobro das dimensões do do Observatório de Palomar significa isso que se descobririam proporcionalmente mais?

Cada galáxia é uma multidão de biliões de estrelas-sóis. Este espaço agora conhecido é suficientemente grande para as possuir aos milhões e toda esta ciência do presente torna os capítulos do Génesis e da Bíblia Sagrada ainda mais misteriosos.

Se tudo isto não for suficiente para paralisar a compreensão dum cérebro humano normal, o Dr. Ira S. Bowen, da direcção do Observatório de Palomar, sublinha que estas multidões de estrelas parece desviarem-se da localização da Terra no Cosmos, à velocidade de 96 mil quilómetros por segundo. Quer isto dizer que o Universo está a expandir-se a esta velocidade, ou estarão a ser percorridas órbitas que desconhecemos em absoluto?

No momento, o nosso presumivelmente enorme Sol fervente é tão infinitesimal, em relação a outros corpos do firmamento, sem falar do seu quarto satélite, o planeta Terra, que mal se notará. Os astrónomos de Palomar julgam que a nossa Via Láctea é de tamanho médio, como galáxia, e o nosso Sol é simplesmente uma das estrelas mais pequenas. Mesmo do satélite mais afastado, Plutão, aparecerá como um ponto de luz sem importância, do tamanho da cabeça de um alfinete.

Os telescópios de Palomar mostram que não há nenhum ponto no espaço total que seja completamente vazio, e que a Criação de Deus parece ficar muito além até dos conceitos dos Patriarcas Bíblicos.

Embora um milhão de anos luz possa existir entre os centros destas galáxias extraordinárias nem por sombras se depreende que essas riquezas estejam na escuridão total. Uma luminosidade estranha parece preencher o espaço interestelar, que tem a sua origem, segundo parece, na difusão de raios cósmicos. Adicionem o resultante de todos estes raios e tornar-se-ia difícil tirar fotografias de galáxias individuais. Bolhas de massa de luz interferem e estragam as películas. Os astrónomos já descobriram ser este um facto, ao tentarem fotografar estrelas-sóis individuais, na nossa Via Láctea.

O que 1956 pode revelar quanto ao tamanho do Universo talvez acrescente ainda mais mistério ao enigma do Universo.

A ciência moderna e a Bíblia parece estarem a aproximar-se cada vez mais nos seus conceitos. Quem é que teria pensado há cem anos, quando o mundo moderno se desequilibrava numa crise anti-religiosa, que a ciência um dia estaria de pleno acordo com a Bíblia Sagrada? Pois assim aconteceu.

A medida que os astrónomos do Mundo trabalham hoje, começam a ver o mistério do Universo e a respeitar o Plano do Criador, que ontem desprezaram na sua ideia de 'ciência pura'.

O Presidente Eisenhower e a Bíblia

A revista LIFE, de 6 de Fevereiro do ano corrente, é inteiramente dedicada ao Cristianismo. Dela extraímos as seguintes palavras proferidas pelo Presidente Eisenhower num discurso público:

«Durante a guerra eis o que descobri acerca da religião: Ela dá-vos coragem para fazer as decisões que tendes de fazer numa crise, e a confiança para deixar então o resultado a um poder mais alto. Só pela confiança em si mesmo e a confiança em Deus pode encontrar repouso o homem que leva responsabilidades. Se cada um de nós em seu próprio espírito se detivesse mais nas virtudes sim-

É o Evangelho ainda hoje o íman para a Salvação?

Tivemos, há dias, baptismos na nossa Igreja do Funchal. Reunião quente porque nessa noite o Espírito Santo desceu até nós. Almas morreram para o Mundo mas começaram a viver para Cristo. Destas apresentarei a história duma. É um rapaz de trinta anos; chama-se Alfredo de Jesus Florença. E se bem que o seu nome albergue Jesus, a sua vida era a completa oposição daquilo que aquele nome tem de positivo e de valioso em si. A vida deste jovem tem sido uma vida de aventura, um mar agitado, revoltado, insubmisso, mas hoje ele encontrou a quietude, a calma e sobretudo a esperança numa vida melhor. Pouco ou nada nós fizemos; mas o EVANGELHO que talvez dos nossos lábios ouvisse, fizeram nele alguma coisa, direi mesmo uma grande coisa.

Acompanhemos parte da sua vida, mas no tempo em que Jesus estava longe do seu coração. Tinha ele nove anos, fez a primeira grande viagem da sua vida. Embarcou clandestinamente na Madeira a bordo do «Serpa Pinto». Passou pela Índia, tocou na América, viu a Europa, desembarcando finalmente em Lisboa. Viagem que durou oito meses, findos os quais, ao desembarcar, foi preso e deram-lhe três meses de cadeia, no Limoeiro e depois no forte de Caxias. Cumprida a pena levam-no para a Madeira.

Com dez anos volta de novo a Lisboa, por onde andou sem eira nem beira três anos e meio, em-

ples — na integridade, coragem, confiança própria, numa inabalável fé na sua Bíblia — não tenderiam a simplificar-se alguns dos nossos problemas? Depois de termos feito o melhor acerca deles, não nos contentarmos-íamos em deixar o resto ao Todo-Poderoso? Penso que é possível que nos ajudasse poderosamente uma contemplação, um estudo, uma fé nessas simples virtudes.»

barcando de novo clandestinamente para os Açores. Torna a ser preso, sendo de novo recambiado para a sua terra. Aos dezassete anos novo embarque clandestino, mas para mais longe. A bordo do barco de transporte «S. Tomé», vai para Curaçao. É descoberto porque outro colega de infortúnio morre no mar quando tenta fugir; mesmo assim andou algum tempo ainda fugido, até que foi preso. O Cônsul português entrega-o à polícia de imigração que o reenviou para a Madeira a bordo do «S. Brás».

Chegado cá não é preso, porque antes que o barco atracasse deitou-se ao mar e fugiu. Quinze dias depois torna a embarcar sem bilhete a bordo do «Carvalho Araujo» rumo aos Açores, esconde-se debaixo de uns oleados, donde não conseguiu fugir. Cheio de fome corta os oleados e algumas encomendas mas nada encontra para comer, tendo que se entregar três dias depois, ficando sob prisão. No desembarque fugiu e da proa do barco saltou para a doca, mas foi agarrado, sendo preso durante quinze dias, findos os quais foi posto em liberdade.

Trabalhou em diversos trabalhos, até que um dia, para defender o patrão que tinha sido agredido, com um ferro quase que mata um indivíduo, sendo obrigado a fugir. Durante alguns dias andou de monte em monte, pelas serras das furnas em S. Miguel, comendo pão e bebendo água. Era sua intenção suicidar-se se o agredido morresse, mas como isso não sucedeu, entregou-se às autoridades e foi condenado a seis meses de cadeia.

Quando se devia apresentar na tropa, fê-lo com um ano de atraso, sendo refractário; deste modo esteve encorporado 28 meses. Ali também foi condenado a 30 dias

de prisão em virtude de ter desviado uma blusa.

Finda a tropa, casa-se, estando na companhia da esposa e de um filho, três anos, findos os quais abandona o lar. Neste lapso de tempo, com dinheiro no bolso, começa a frequentar sítios pouco aconselháveis, e uma noite, depois de ter gasto num «cabaret» quatro mil escudos, e ficando sem nada, foi empurrado pela escada abaixo.

Voltou à Madeira, deve haver dois anos, arranjou outra mulher, mas continuava com os seus terríveis vícios, como o beber, fumar, e outros, percorria os lugares que um cristão nem vontade tem de pronunciar. E numa noite em que estava embriagado foi preso. Assim, de dia trabalhava na sua profissão de cozinheiro, em várias casas de pasto, e à noite, já se sabe...

Esta é a sua terrível história, negregada história. No entanto, ela representa o quadro de centenas e milhares de jovens, andando nas mesmas condições, subjugados pelo mesmo poder da maldade, entregues de alma e coração ao Príncipe deste mundo.

Mas este jovem ouviu longinquamente o apelo do Mestre: «Vinde a Mim todos os que estais cansados e Eu vos aliviarei», e foi a Ele.

Vi-o pela primeira vez na nossa bela Igreja, num domingo à noite, faltava ainda algum tempo para começar o culto. Estávamos fazendo a classe baptismal. Assistiu e gostou. Falámos nessa ocasião sobre um pecado que lhe era familiar. E nesse coração tenebroso, nessa consciência adulterada pelo vício e o mal, começou a entrar uma centelha de luz, que a pouco e pouco se transforma em grandes raios luminosos. Compra uma Bíblia. Mal sabendo ler, não teve tempo para aprender. Chegou de-

NOTÍCIAS DO CAMPO

PASTOR ROBERT GERBER
— De 17 a 20 de Fevereiro o Pastor Robert Gerber deu-nos o prazer da sua presença em Lisboa, a fim de assistir a uma reunião do Conselho Administrativo da União Portuguesa. No Sábado e no Domingo, a Congregação teve a oportunidade de ouvir a pregação da Palavra através dos seus lábios.

PASTOR ELISEU P. MIRANDA
— Em 29 de Fevereiro embarcou para S. Tomé o Pastor Eliseu Miranda, acompanhado de sua Esposa e Filhas. Queira Deus abençoar grandemente as suas actividades, na Missão de que é director.

UNIÃO DE ANGOLA

<O Evangelho é um Poder>

masiado cedo a homem sem nunca ter passado duma criança rebelde. Deixou o fumar, deixou o beber, abandonou a mulher com a qual vivia ilicitamente. Escreve então para os Açores, onde tinha a sua esposa e o filho, fazem as pazes, e então ela virá de novo para o seu lar, voltará daqui a alguns dias, mas encontrará um melhor marido.

Ele continuou a vir à Igreja, vinha e vem sempre, deu o seu nome para a classe baptismal, desejou baptizar-se, começou a pagar o dízimo ao Senhor, abandonou a sua profissão, visto não ter o Sábado livre. O Conselho examinou o seu caso, e a Igreja aprovou o seu baptismo, acto que se realizou no Domingo, 19 de Fevereiro.

Durante algumas semanas tem trabalhado como engraxador. Os seus recursos financeiros são fracos, mas vive contente e alegre, porque encontrou um objectivo para a sua vida, e sente que vale a pena viver, acalentado pela nossa esperança cristã. Conta no entanto trabalhar como ajudante de pedreiro, para um Irmão nosso e com o Sábado livre.

Depois de vermos a vida acidentada deste jovem, perguntamos: Que força existe no Mundo, tão grande ou maior, que a força do Evangelho? Não há poder tão forte e tão vivificante como o Poder da Palavra de Deus: «A Sagrada Escritura».

Que a experiência deste jovem seja um incentivo para o bem para todos aqueles que se encontram talvez nas mesmas condições.

Manuel Laranjeira

O apóstolo S. Paulo escreveu na sua epístola aos Romanos as sublimes palavras: «Porque não me envergonho do Evangelho de Cristo pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê...» Romanos 1:16. Verificamos na própria vida do grande apóstolo pioneiro do Evangelho na era apostólica, a influência nítida desse poder. S. Paulo sentiu esse poder vindo dos Céus, quando no seu caminho para Damasco é impressionado pelo esplendor da luz do Céu. Foi precisamente numas circunstâncias tão perigosas para a Igreja, que Saulo, mais tarde chamado Paulo, foi chamado pelo poder maravilhoso do Evangelho celeste. Sabemos que Saulo ameaçava os apóstolos, perseguia tenazmente a Igreja, tomou parte no tribunal contra o diácono Estêvão e era na verdade um terror por onde quer que passava. Porém,

Deus, que dos altos Céus tudo contempla, viu no coração de Paulo um elemento de alto valor moral e espiritual e o Senhor lhe disse: «Vai porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis e dos filhos de Israel». S. Paulo foi tocado pelo poder que só do Céu pode vir para impressionar os corações dos homens. A sua conversão foi momentânea, ele tinha ouvido uma voz do Céu, era a VOZ DE DEUS, ficou atónito pelo esplendor da luz que viu e pela voz que ouvia e disse: Senhor que queres que eu faça? S. Paulo estava incondicionalmente ao dispor do Céu e à obediência da voz do Filho de Deus, para realizar uma obra maravilhosa. Essa era a obra da pregação do Evangelho, mostrando aos gentios que era o mesmo poder que o tocou e que de ora avante, por seu intermédio como vaso escolhido do Senhor, haveria de realizar no seio das nações pagãs uma obra de vasto alcance na salvação das almas. A

ordem de Deus foi: Levanta-te... Deus tinha-se levantado primeiramente para chamar Saulo de Tarso para o ocupar numa obra importantíssima de ir levar o Evangelho aos gentios e entre os de Israel, e Deus lhe mostraria quanto devia padecer pelo Seu nome. A tarefa de levar o Evangelho não é fácil, mas com Deus é possível, pois Ele nos diz: «Esforça-te que eu te ajudarei». Não existe em nós poder para levarmos o Evangelho, «mas é Deus que opera em nós tanto o querer como o efectuar segundo a Sua vontade». Deus por intermédio do Seu Profeta Isaías faz um apelo a todos nós dizendo: «Levanta-te, resplandece porque já vem a tua luz e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti». Isaías 60:1.

Em lugares diferentes e sob circunstâncias diversas, têm os servos de Deus sido chamados para se levantarem e irem onde o Senhor os chamar. Pelo que diz: Desperta tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos e Cristo te esclarecerá. Milhares de almas estão sendo esclarecidas em todos os lugares da Terra; o Evangelho ou Boas Novas da salvação está sendo levado na presente geração aos lugares mais inacessíveis do globo. É o mesmo poder que operou nos dias dos apóstolos e no dizer do apóstolo: «Este é o mandamento, como já desde o princípio ouviste: que andeis nele». II S. João 6. Conquanto todas as aparências humanas por vezes nos pareçam impossíveis para realizar a obra que Deus nos confiou, todavia o Senhor nos diz que: «executará a Sua palavra sobre a Terra, completando-a e abreviando-a». Romanos 9:28.

Realizou certa vez um dos antigos pioneiros em Angola, um estudo de doutrinas bíblicas num Instituto de obreiros nativos, e nunca me esqueci da ênfase que ele deu ao versículo que lemos em II Tim. 4:2; salientando as palavras: «instes a tempo e fora de tempo». Ilustrou a sua lição fazendo compreender aos alunos que eles semeavam o seu milho e outras sementes em época apropriada do ano, porém, fez-lhes compreender que o mesmo não sucede com a Palavra de Deus, a qual tem que ser disseminada em todos os tempos, todos os dias; em todos os lugares e sob todas as circunstâncias. O apóstolo S. Paulo passou por essa experiência e isso

constatamos ao lermos na sua segunda carta aos Coríntios 11:24-28. Paulo estava consciente da sua responsabilidade na obra do ministério e não hesitou levar o Evangelho e falar do seu poder transformador das almas que viviam nas trevas do paganismo para a maravilhosa luz de Deus. Nenhuma influência humana pode contrariar o plano Divino. A Sua obra será abreviada em justiça e em verdade. Deus chama hoje muitos na estrada de «Damasco», os quais vão iluminados pelo Espírito de Deus a anunciar as Boas Novas de salvação aos que perecem nas trevas do paganismo tão arreigado nos corações de milhões que vivem sem Deus e sem esperança no Mundo. Milhões têm através da história da Igreja sido transformados pelo poder maravilhoso do Evangelho. Vêde os seus efeitos no ébrio que abandona a bebida, o que abandona o Mundo com as suas tremendas seduções malélicas, os canibais que se alimentam de carne humana e que são transformados, e a influência enobrecedora que o Evangelho exerce diáriamente nos nossos próprios corações! De Cristo deviam manar todas as misericórdias e todo o poder, no entanto Ele não deu a S. Paulo em sua conversão à Verdade uma experiência independente da Igreja por ele recentemente organizada na Terra. Ele vendeu-se inteiramente a Deus. Quando o Senhor nos chama, não devemos ser desobedientes à chamada celestial! Que o Senhor nos ajude a reconhecer o poder maravilhoso e poderoso do Evangelho!

A. J. Rodrigues

Nota — Ao sair este número da Revista Adventista, já estaremos ausentes em Angola, desejando aqui agradecer a todos os irmãos pelas suas gentilezas e atenções que nos dispensaram.

UNIÃO PORTUGUESA

Porto

Após 6 meses de trabalho nesta bela cidade, é-nos dada ocasião de transmitir aos nossos irmãos algumas notícias do nosso campo.

Os irmãos da Igreja do Porto continuam mantendo o seu bom espírito de zelo e colaboração e desta forma a nossa igreja encontra-se animada e activa, para este novo ano de trabalho.

Os rigores do inverno transtornaram bastante o nosso esforço de evangelização, mas contamos com o auxílio de Deus e a boa vontade dos irmãos voltar de novo

ao combate, nos meses que vão seguir-se, esperando colher alguns preciosos frutos, na seara do Senhor.

Nas diversos localidades em que trabalhamos, temos visto a Mão do Senhor abençoando os nossos esforços.

Em Vila Meã tivemos o pesar de perder o nosso saudoso irmão Pereira, que foi uma testemunha fiel de Jesus nesta terra. O dia do seu funeral foi bem triste para todos nós. No entanto tivemos a satisfação de dar o conhecimento da nossa grande esperança a centenas de pessoas que se juntaram no cemitério, atraídas pelos nossos belos hinos, e que ouviram respeitosamente as nossas palavras, as quais produziram profunda impressão em muitos corações, ansiosos da Luz da Verdade.

O caso foi comentado por toda a Vila e, durante vários dias, não se falava de outra coisa em toda a parte.

Esperamos que este último testemunho público, dado pelo nosso irmão Pereira, já depois da sua morte, possa contribuir para indicar a muitas almas o «verdadeiro caminho da Vida».

Queremos ainda salientar aqui o nosso trabalho em Vila do Conde, onde o interesse aumenta de dia para dia. Nos sábados à noite fazemos ali belas reuniões, em casa do nosso prezado irmão Amadeu Mendes, nas quais juntamos uma média de 30 pessoas, que ansiosamente esperam algum alimento espiritual. Nas segundas-feiras fazemos também Estudos Bíblicos para um grupo de pessoas bastante interessadas, as quais estão aceitando de todo o coração a nossa bela Mensagem.

Esperamos grandes coisas do trabalho nesta Vila e oramos para que o Senhor possa fazer prosperar mais e mais a semente que está sendo lançada e para a qual têm contribuído bastante os esforços dos nossos irmãos que ali vivem. Rogamos ao Senhor que nos conceda forças à medida da ditosa tarefa que nos confiou e que muitas bênçãos do Céu possam repousar sobre todos aqueles que se estão preparando para pertencer ao grande povo que Guarda os Mandamentos de Deus e tem a fé de Jesus.

José Abella

Medeira

A congregação da Igreja do Funchal mais uma vez teve o grande privilégio de ver descer às águas baptismas cinco preciosas almas, que decidiram entregar-se ao seu Salvador.

Assistiram a este acto solene, além dos congregados e familiares, grande número de interessados, que ocuparam todos os lugares do nosso salão. Entre estes candidatos havia almas que mostravam nitidamente o poder do Evangelho na vida das criaturas, obrando verdadeiros milagres na sua transformação. Um dos candidatos, João da Silva, que era homem viciado, roçando pela tangente dos desordeiros, há cinco anos que vivia ilicitamente com uma jovem (que actualmente já é membro da Igreja do Funchal), teve conhecimento do Evangelho, por um dos nossos Irmãos e veio à Igreja. Ouviu, interrogou, aprofundou, e, ainda que analfabeto, vai retendo na memória alguns versículos, e marcando na sua Bíblia, com fitas de diversas cores, os capítulos, apresentando depois a outros a maravilha do Evangelho... Deu estudos à sua companheira e decidiram separar-se para entrar numa nova vida.

Porém, enquanto o Evangelho cura aquela alma do pecado, aparece o efeito da sua vida desregrada. Cardíaco no último grau, cheio de albumina, já com um rim afectado e muito mal do fígado, quase que não pode andar. Na mútua separação passou a viver só, e assim se agravou mais o seu mal. Nos princípios de Janeiro, como constasse que estava muito mal na sua residência, um pequeno casebre a alguns quilómetros do Funchal, o Irmão Laranjeira foi buscá-lo no carro da Missão e junto com o autor destas linhas, foi conduzido a um médico que verificou que o caso era muito grave. Vencendo algumas dificuldades, foi nesse mesmo dia internado no hospital, onde esteve quinze dias em tratamento; mas como fazia parte dos baptizados recomendados pelo Conselho à Igreja, mostrou vontade de sair do hospital, e tendo alta aparece entre nós... Quatro dias depois deviam realizar-se os baptismos, e o nosso futuro Irmão, que a Igreja já tinha decidido aceitar por voto, quer baptizar-se.

Dez minutos antes da cerimónia, o pastor Laranjeira, junto com alguns membros do Conselho, faz-lhe compreender o perigo de entrar na água, tanto mais que a Igreja já tinha resolvido aceitá-lo por voto. Os seus olhos brilharam na palidez do seu rosto, e exclamou com voz firme: «Eu sinto-me bem, não tenham medo». Diante desta afirmação todos se curvaram. Ao descer às águas baptismas o seu rosto brilhava de alegria, enquanto a congregação interrompia o profundo silêncio com

o belo cântico — «Oh que belos hinos cantam lá no Céu».

Como é belo ver-se o homem emancipar-se das algemas materiais, e ser livre. Saber que não existe em si só matéria, e sentimentos inerentes às funções vitais, mas verificar que existe em si uma força que o acompanha, através das variadas mutações da vida física e psíquica, que o leva a desprender de tudo quanto é material. Essa força é a verdadeira consciência humana, é a voz de Deus, e embora todos a ouçam, só a pode sentir aquele que se deixa guiar pela luz do Espírito de Deus que emana das Santas Escrituras.

Esta força, porém, nem sempre é notada, porque nem todos têm a noção da sua existência ou a confundem com as próprias paixões.

19 de Fevereiro de 1956.

César Gomes Vieira

AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

Adormeceu em Jesus no dia 15 de Setembro do ano que findou, com 72 anos de idade, o Ir. Germano Figueiredo Costa, vitimado por cruel doença, que o fez sofrer imenso; mas sempre cheio de santa resignação. Era um membro antigo da Igreja do Porto, activo e fiel servidor do Mestre, destacando-se por vários anos na Campanha das Missões. Foi baptizado em 1926 pelo Pastor José Abella e sepultado 29 anos mais tarde, pelo filho deste, Ir. José Abella, actual Pastor da nossa Congregação. Deixou a sua fiel e inseparável companheira desta vida, resignada com a bendita esperança de o acompanhar para sempre, desde a manhã gloriosa do despertar dos santos.

— Na casa do Tojal adormeceu em Jesus, que tanto amava, o Ir. Joaquim Pereira de Magalhães. Este triste acontecimento deu-se a 10 de Fevereiro do corrente ano. Fora o primeiro da Mensagem Angélica por aquelas terras vizinhas, levando a nossa literatura plena de verdade aos seus amigos e conhecidos. O seu funeral foi realizado segundo os seus desejos expressos no seu testamento, de que possuímos uma cópia, sendo acompanhado até à sepultura por muitos irmãos de Gaia, Porto e Vila do Conde. Também segundo o seu desejo foi acompanhado pela sua inseparável Bíblia e pelo seu diploma de Profissão de Fé, realizando assim, de colaboração com o nosso Pas-

tor José P. Abella, o seu último trabalho missionário.

A família enlutada apresentamos a expressão do nosso amor cristão, revelado no sincero desejo de os vermos ao lado do seu morto querido na gloriosa manhã da ressurreição dos justos.

F. Moreira

Com 24 anos de idade, faleceu, no Entroncamento, a Irmã Maria Lizete da Conceição Fernandes. Durante a sua longa enfermidade manifestou o desejo de ser baptizada, logo que o Senhor a curasse, caso fosse essa a Sua vontade. Sucumbiu, porém, depois de longa luta, mas não sem que fosse realizado o seu desejo. No Sábado, 4 de Fevereiro do corrente ano, ela e sua idosa avózinha, Elisa da Conceição M. Núncio, foram aceitas, por voto, pela Igreja de Tomar, da qual ficaram sendo membros.

Cinco dias após (9 de Fevereiro), era-nos comunicado que a jovem Irmã Maria Lizete acabara a sua carreira neste mundo, guardando a sua fé, e, agora, repousa por um pouco de tempo, até àquele dia em que o Senhor, justo Juiz, virá para lhe dar a coroa de justiça que lhe está guardada, assim como «a todos os que amarem a Sua vinda» (II Tim. 4:8).

O funeral teve lugar no dia 10 de Fevereiro. Em casa e no cemitério, tive a oportunidade de ler e explicar adequadas passagens da Sagrada Escritura a algumas dezenas de pessoas. Com o desejo de que estas pudessem aproveitar algo da sua ida ali, destaquei para consideração as palavras do profeta em Ecles. 7:2, onde ele afirma que «melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete». E qual a razão? Diz ele: «porque ali se vê o fim de todos os homens; e os vivos o aplicam ao seu coração». Considerámos, depois, o que a Palavra de Deus nos diz acerca da brevidade dos dias da nossa vida (Job 14:2, 5; I Ped. 1:24; Tia. 4:14) e, em face disto, qual deve ser o nosso primeiro cuidado (Mat. 6:33). Concluí com alguns conselhos do Senhor Jesus (Luc. 21:34-26; João 6:27) e as belas exortações do apóstolo S. Paulo em Col. 3:1-17.

No cemitério falei sobre a ressurreição e a esperança do cristão.

A falecida Irmã deixa de luto seu marido, pai, irmão, mãe, avó e tia, sendo estas nossas dedicadas Irmãs má fé, a quem manifestamos as nossas condolências, assim como o nosso desejo de que se firmem em confiança no Senhor

que nos promete restituir, um dia, os entes queridos que a Morte nos arrebatou. Amen.

R. de Menezes

No dia 12 de Outubro de 1955, faleceu a nossa prezada Ir. Eugénia Silva Rodrigues, de 30 anos de idade, natural da Senhora do Monte, Ilha Brava, Cabo Verde. A dita irmã foi baptizada no mês de Maio p. p., após haver pedido insistentemente o baptismo. Sim, era essa a sua última oportunidade; Deus a estava chamando, porque em breve desceria à sepultura. Nos poucos dias da sua enfermidade pedia constantemente que lhe cantassem o hino 240 sobre o seu caixão, caso ela não resistisse à doença. (Ninguém supunha que esta fosse fatal). O seu pedido foi satisfeito, porque cantámos o referido hino, no cemitério, antes de o caixão descer à sepultura. Porém, fizemo-lo com muito esforço, pois estávamos profundamente comovidos por sabermos ser o hino predilecto da sua curta experiência da vida cristã. Jesus foi o amigo mais chegado que ela teve para a confortar em todas as suas lutas, pezares, desprezo e tentação, e, não querendo que ela sofresse mais, convidou-a para descansar em doce sono da morte até à Sua próxima vinda.

Esta jovem senhora teve um funeral bastante honroso. Grande multidão o acompanhou, não faltando as pessoas mais distintas desta Ilha. Deixa três filhinhos, um dos quais ainda de peito.

A família enlutada deseja apresentar as minhas mais sentidas condolências. — *João de Mendonça.*

O inimigo está hoje comprando almas muito barato. «Por nada fostes vendidos», é a linguagem das Escrituras. Um vende a sua alma pelos aplausos do mundo, outro por dinheiro: um para satisfazer paixões baixas, outro pelos divertimentos mundanos. Tais permutas são feitas diariamente. Satanás está amarrando a aquisição do sangue de Cristo, e comprando-a barato, não obstante o infinito preço pago para remi-los.

Temos grandes bênçãos e privilégios. Podemos obter os mais valiosos tesouros celestes. Lembrem-se os ministros e membros de que a verdade evangélica arruína se não salvar. A alma que recusa atender aos convites de misericórdia que dia a dia lhe são dirigidos, pode em breve ouvir os mais urgentes apelos sem que qualquer emoção desperte a sua alma.

Testimonies, vol. 5, pág. 183.